

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

LÁPIDES A DIVINDADES INDÍGENAS NO MUSEU DE GUIMARÃES.

ENCARNAÇÃO, José D'

Ano: 1970 | Número: 80

Como citar este documento:

ENCARNAÇÃO, José D', Lápides a divindades indígenas no Museu de Guimarães.
Revista de Guimarães, 80 (3-4) Jul.-Dez. 1970, p. 207-238.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Lápides a divindades indígenas no Museu de Guimarães

Dr. JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Lic.º em História pela Fac. de Letras da Univ. de Lisboa

Por iniciativa do incansável Francisco Martins Sarmiento, a quem a Epigrafia tanto deve, foram recolhidas no Museu da benemérita Sociedade que tem o seu nome, diversas epígrafes latinas dedicadas a divindades indígenas, cujo culto, embora mantido sob a dominação romana, provém, decerto, de anteriores estratos populacionais.

A obra de Martins Sarmiento foi louvavelmente acarinhada pela Sociedade que fundou e, por isso, o seu Museu, em Guimarães, é, depois do Museu Nacional de Arqueologia e de Etnologia, o que, entre nós, dispõe de maior número de inscrições votivas a divindades indígenas, tornando-se visita obrigatória para quem se deseje dedicar ao estudo destes problemas. Lá estivemos, em Abril de 1969, amavelmente recebidos pelo actual presidente, Sr. Coronel Mário Cardozo, dinâmico obreiro da Arqueologia em geral e da Arqueologia vimezanense em particular. Preparávamos, então, a tese de licenciatura, ainda inédita, «Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal», apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa nesse mesmo ano. Das conclusões a que chegámos, faremos aqui breve resenha.

*

Vamo-nos referir às seguintes divindades: **Abna*, *Aernus*, **Antiscreus*, *Bormanicus*, *Brigus*, *Coronus*, *Cusus*, *Neneocus*, *Durbedicus*, *Genius Laquiniensis*, **Genius Tancobri-censium*, *Nymphae Lupianae*, *Tameobrigus*, **Tutela Tiriensis*(1).

(1) O asterisco (*), em frente de certos nomes, indica não haver certeza quanto à sua grafia.

Deixamos, pois, de parte as inscrições em gesso, aí também existentes, mas que são cópias de originais doutros museus (*Trebaruna, Endovellicus, Turiacus...*).

A última obra de conjunto relativa às lápides do Museu é, se não erramos, o «Catálogo do Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmento», de Mário Cardozo, cujo primeiro volume, «Secção Lapidar e de Escultura», data de 1935. O autor segue as leituras do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, esclarecendo: «Diga-se, porém, que muitas das epígrafes reunidas nesta Colec-tânea monumental, carecem de revisão, pois nem sempre se encontram registadas com a exactidão precisa (...)» (p. XVII). O capítulo II reúne «aras votivas e outros monumentos consagrados a divindades indígenas romanizadas», indicando-se, para cada lápide, o nome da divindade, a inscrição, a dimensão vertical das letras, a leitura, versão, dimensões, proveniência, condições de entrada no Museu, bibliografia. Portanto, como já lá vão trinta e cinco anos, pareceu-nos oportuno referir a bibliografia alusiva a cada uma das divindades, vinda a lume depois de 1934. Faremos algumas observações acerca da leitura e interpretação das inscrições, para, finalmente, nos debruçarmos mais em pormenor sobre o nome e atributos da divindade.

ABREVIATURAS BIBLIOGRÁFICAS

- AEArq «Archivo Español de Arqueologia», Publicação do Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid.
- AP «O Arqueólogo Português», Revista do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa.
- Arqu «Arquivos do Seminário de Estudos Galegos», Santiago de Compostela.
- BM BLAZQUEZ MARTINEZ (José Maria).
- CIL HÜBNER (Emílio), *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, Berlim, 1869.
- Corresp CARDOZO (Mário), *Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e Martins Sarmento (1879-1899)*, Guimarães, 1947.
- CST «O Concelho de S. Tirso», Boletim Cultural, Câmara Municipal de S. Tirso, Porto.

- DL «Douro-Litoral», Boletim da Comissão de Etnografia e História, Junta de Província do Douro-Litoral, Porto.
- HAE «Hispania Antiqua Epigrafica», Madrid.
- Holder HOLDER (Alfred), *Alt-Celtischer Sprachschatz*, Leipzig, vol. I (A-H), 1896, vol. II, 1904, vol. III, 1907.
- LV VASCONCELOS (José Leite de).
- Misc «Miscelânea de Filologia, Literatura e História Cultural à Memória de F. A. Coelho», II, Lisboa, 1950.
- Rel «Religiões da Lusitânia», Lisboa, vol. II, 1905, vol. III, 1913.
- RG «Revista de Guimarães», Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.
- RL «Revista Lusitana», Archivo de Estudios Philologicos e Ethnologicos Relativos a Portugal Publicado por J. Leite de Vasconcellos, Porto, I, 1887-1889.
- RPH *Religiones Primitivas de Hispania*, vol. I, «Fuentes Literarias y Epigraficas», Roma, 1962.

I

* ABNA

Catálogo: n.º 19

O nome desta divindade (?) surge-nos unicamente nesta ara, descoberta na freguesia de S. Martinho do Campo (S. Tirso).

Bibliografia

- 1946 — MATTOS (Armando de), *Inventário das Inscrições do Douro-Litoral*, in DL, 2.ª série, vol. VI, p. 79.
Refere a ara e traz a foto, com os caracteres marcados a carvão, o que pode induzir em erro. Não interessa consultá-lo: nada acrescenta aos autores que o precederam.
- 1962 — BM, RPH, p. 219.
Inclui este númen entre as divindades «de carácter desconhecido». Segue LV; na 2.ª linha, traz FVS(i), em vez de FVSC(i) — deve ser gralha tipográfica.

Leitura

FVSCIN
VS FVSCI
D. D. A.
ABNII

Na face lateral direita:

M.
L. A.
P.

Interpretação

FVSCIN/VS FUSCI (filius) / D(eae) D(ominae)
A(ugustae?) / ABNE / M(erito) / L(ibens) A(nimo) /
P(osuit).

Tradução

Fuscino, filho de Fusco, de boamente erigiu ao mérito da augusta deusa e senhora * *Abna*.

Observações

Esta é a interpretação *hipotética* de LV (Rel III, 214-215), que talvez seja, ainda, a mais provável. Efectivamente, o monumento, em granito esboroável, não permite certezas de leitura.

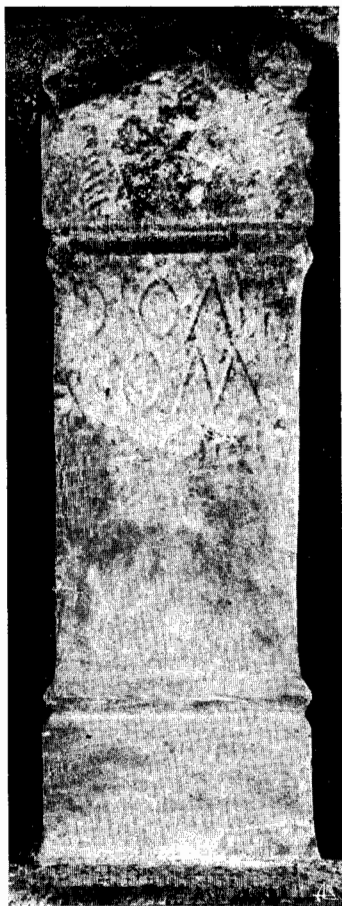
As duas primeiras linhas, onde estará, decerto, o nome do dedicante e respectiva filiação, são quase ilegíveis: ao mau estado da pedra acresce, a dificultar, o trabalho grosseiro dos caracteres. A fotografia, neste caso, pouco nos pode auxiliar também, levando-nos até a considerar possível a existência duma outra linha superior, onde a lápide está grandemente esboroadada.

Na terceira linha, vê-se distintamente D. D. e, a seguir, uma outra letra, que pode ser A ou N: porque, se os A da inscrição apresentam traço horizontal, este o não tem; mas se, por outro lado, esta letra é parecida com uma outra da primeira linha, que é quase de certeza um N, não o é, todavia, com o N do nome da «deusa»; sendo N, a haste da direita teria desaparecido no debrum da pedra.

Quanto ao teónimo: não se poderá ler ABNAI? Tivemos a sensação de que a última perna do N é demasiado inclinada para não fazer um nexo com a seguinte, que se nos afigura, por isso, um A, a que nem sequer falta o travessão (a não ser que se trate de esboroamento do granito).



I — A B N A



II — AERNUS

A fórmula¹ votiva, um tanto original e colocada na face lateral, é, na epígrafe, a única parte que não oferece dúvidas.

Em suma: enquanto outra inscrição, menos deteriorada, se não descubra em honra desta possível divindade, nada de seguro se poderá dizer sobre o seu nome e, consequentemente, sobre os seus atributos, pois outros elementos não temos para os conhecer. Entre os antropónimos conhecidos da Hispânia e no clássico dicionário de Alfred Holder, não se regista qualquer vocábulo semelhante.

II

AERNUS

Catálogo: n.º 16

A esta divindade, de que já em 1696 se conhecia uma inscrição, foram dedicados três ex-votos, provenientes da região do Nordeste português, e um quarto, de território espanhol, que traz AR (iniciais de *Aernus*? — cfr. Arqu VI, 1934, p. 309).

O que se encontra no Museu é o mais importante dos três, devido à decoração que apresenta. Já vem referido por Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio no artigo «Memórias sobre as Ruínas do Mosteiro de Castro de Avelãs...», incluído no *Jornal Encyclopedico*, Lisboa, vol. IX, Maio de 1790, p. 198. Foi achado numa parede velha desse Mosteiro. Tem, no capitel, motivos vegetais estilizados, dispostos simetricamente em relação ao eixo central da face frontal. Distinguem-se bem na foto. Constam dum tronco vertical, donde partem ramos laterais, que diminuem de tamanho de baixo para cima, em jeito de folha de palmeira, mas menos obliquamente e mais distanciados.

Bibliografia

1934 — ALVES (Francisco Manuel), *Memorias Archeologico-Historicas do Districto de Bragança*, vol. IX, Porto, p. 48.

É o conhecido Abade de Baçal. Neste passo, sugere que os ornatos floráceos, a que aludimos, podem ser o símbolo da legião romana «nas suas fracções de manípulos e coortes».

1957 — BM, *Aportaciones al Estudio de las Religiones Primitivas de España*, in AEArc, XXX, p. 48.

Referência.

1962 — BM, RPH, pp. 65-66.

«Talvez os arbustos sejam o atributo da divindade, que seria protectora da vegetação; podiam ser também meramente motivos decorativos. O facto de se encontrar uma das aras dedicadas pela *ordo* é indício para suspeitar que *Aernus* era o deus do castro» (p. 66).

Leitura

DEO.AER

NO.M

ACIDI

Interpretação

DEO AER/NO M(arcus) / [PL]ACIDI (filius)...

Tradução

Ao deus *Aernus*, Marcos, filho de Plácido (?)...

Observações

Na leitura, só há dificuldade na última linha, onde a inscrição foi partida. Vê-se o ângulo superior duma letra que pode ser M, N ou A; como a letra seguinte, pela curvatura que tem, deve ser um C seguido de I, inclinamos para que se trate dum A. Depois do I, os autores consideram a existência dum D, de que se distingue apenas sensivelmente a parte média; comparando-a com o D da primeira linha, verificamos que há, na realidade, diferenças: a curvatura, por exemplo, não deve chegar até ao nível normal superior das letras anterior e seguinte — trata-se, quiçá, dum D mais reduzido. Segue-se-lhe um I. Mas, no princípio da linha? Há espaço para duas letras e, no nível superior, justamente na mesma direcção do ângulo já indicado como pertencendo a um A, nota-se um pequeno sulco, terminal dalguma letra. Será um L? Espaço talvez não faltasse, porquanto se deveria tratar dum L estreito, como os E da primeira linha. Em tal caso, a reconstituição poderia ser [PL]ACIDI. Esta hipótese

já foi, aliás, apontada por Martins Sarmiento (Corresp, p. 107).

No entanto, o essencial da inscrição, o nome do deus, está felizmente, bem claro. E quais serão as suas atribuições? Para uma tentativa de solução do problema, urge considerar a etimologia do teónimo e o significado dos ornamentos vegetais.

1.º — *A etimologia do teónimo*

Foi Adolfo Coelho (RL, I, 1887, 352-358) o primeiro que tentou deslindar o assunto. Comparou alguns nomes europeus derivados dum possível radical *aer-*; atentou no significado das raízes indo-europeias donde tal forma podia ter vindo; teceu considerações acerca da possibilidade, já apontada por Viterbo, de *Aernus* estar por *Avernus*; aventou a hipótese de estarmos perante uma divindade fontanária, porque «muito perto de Castro de Avelãs há o Banho, cujas águas minerais escassas são procuradas como remédio a vários males» (p. 353). Tudo em vão: teve de confessar que nada se poderia aduzir de concreto.

No vocabulário latino, nenhuma palavra encontramos passível de ser relacionada com *Aernus*. Contudo, no Dicionário de Grego, de Isidro Pereira (Porto, 1957, p. 230), lemos para o substantivo neutro *ἄρνος*, os significados de «plantas, ramos, rebento, descendente». São patentes duas coincidências que se nos afiguram de interesse:

a) a semelhança fonética entre o vocábulo latino, *Aernus*, e o grego, *ἄρνος*. Não será o primeiro a latinização peninsular do segundo? Estar-se-á em presença dum culto pertencente ao substrato helénico?

b) o significado do termo grego condiz com a decoração da epígrafe.

À primeira vista, estas coincidências (fonética e simbiológica) justificariam a relação de *Aernus* com *ἄρνος*. Contudo, só a Linguística, aliada ao estudo aprofundado dos povos que influenciaram costumes e dialectos peninsulares, poderá dar-nos maior garantia. Deixando de lado quaisquer fantasias pseudo-científicas, salientamos, porém, e a título de pista de trabalho, que é possível detectar influências gregas em epígrafes votivas do ocidente da Península Ibérica. Escreveu M. Lour-

des Albertos (in «Zephyrus», III, 1952, p. 63): «É muito provável que os comerciantes gregos viessem alguma vez à região ocidental da Península Ibérica, como se diz em duas passagens de Plínio que oferecem mais verosimilhança (*Nat. Hist.* IV, 34, 3; 36, 1)». E, mais adiante, aludindo sobretudo às epígrafes dedicadas a *Auga* e a *Hermes Devorus*: «Estas inscrições que fazem referência a cultos tipicamente helénicos, não se explicam sem uma influência directa».

2.º — O significado dos ramos

A decoração das aras votivas pode ter duas finalidades: enfeitar ou simbolizar qualquer coisa. Acontece, porém, que, no caso presente, se observa notável coincidência: uma lápide funerária, guardada no Museu Regional de Bragança e proveniente também de Castro de Avelãs, ostenta ornamentação semelhante. Portanto, torna-se muito possível que haja ligação entre estes dois monumentos. Mas, que espécie de ligação? Uma ligação puramente artesanal, por exemplo: poderiam ter sido ambos fabricados na mesma oficina. Ou uma ligação simbólica, mais plausível. Não serão os ramos a representação da «Árvore da Vida», símbolo funerário tão frequente? Cremos bem que sim. Daqui, a conclusão de que *Aernus* poderia ser um *deus protector da alma no Além*.

Há, contudo, dois pormenores que nos levam a considerar igualmente a hipótese de *Aernus* ser também uma divindade ligada à vegetação. Um, a tentativa etimológica acima indicada. Outro, a nota aduzida pelo Abade de Baçal, quando trata duma inscrição a *Aernus* descoberta em Malta. Diz ele: «A imagem de Cristo, que se venera nesta igreja de Malta, é de muita devoção entre os fiéis, que a ela acorrem de muitas léguas de distância, invocando-a debaixo do título do Senhor de Malta; principalmente nas grandes estiagens e chuvas. Herdar-lhe-ia os atributos?» (AP XIII, 1907, 185). Possivelmente, sim: os Cristãos procuravam santificar, sem quase os modificarem, os cultos pagãos que encontravam; por outro lado, bastantes vezes as divindades da vegetação eram, concomitantemente, divindades funerárias.

Evidentemente, só a descoberta de monumentos votivos a *Aernus*, com idêntica decoração, pode confirmar

as hipóteses lançadas. Auguremos que, um dia, sejam efectuadas escavações no mosteiro de Castro de Avelãs e, nomeadamente, no Outeiro da Torre Velha, ali próximo. José Henriques Pinheiro por essas bandas andou em 1887 e, dessa visita, publicou um relatório (RG v, 1888, 71-96) onde escreve, a certo ponto: as ruínas desse Outeiro «são inegavelmente restos de um antigo monumento, e é bem possível que ali fizesse milagres o deus Aerno» (p. 80). Ao que sabemos, até agora, nada de concreto se fez nesse sentido. E é pena.

III

Catálogo: n.º 15

* ANTISCREUS

Proveio do Castro de Monte-Redondo (Braga), a lápide onde LV supôs ler este teónimo.

Bibliografia

1962 — BM, RPH, p. 220.

Referência, sem inovações.

Leitura

PROS.
IC.NSC
REO SU
HERMI. S
V. S. L M

Interpretação?

Observações

Trata-se duma pedra granítica, muitíssimo esbo-
roada. As letras, de grande irregularidade e distanciadas,
dificultam ainda mais a leitura desta lápide, que apresenta
nas linhas 2, 3 e 4, sulcos que não podemos saber se
lá estiveram inicialmente ou se foram provocados depois.

Na primeira linha, lê-se PROS seguido de ponto.
O S não está separado do O que o precede e, por isso,
é difícil dizer se se trata de duas palavras — *Pro s(alute)*,
como quer LV — ou de uma só — *PROS(erpinae)*,

como pretende Fidel Fita (cfr. Rel III, 217). Se a gravação não fosse tão irregular, era mais viável a última hipótese. A seguir, embora haja espaço, não existe vestígio de mais nenhuma letra.

Na segunda linha, há, no início, uma letra que não conseguimos identificar, e, depois, IC com um ponto; segue-se-lhe uma letra muito larga que parece N, cuja última haste se prolonga inclinada para a direita acima do alinhamento, sendo cortada por uma haste horizontal em forma de cruz — faz-nos pensar num nexa que reúna um N, um T e um I. LV considerou também um A em nexa com o N. Temos, em seguida, um S irregular e um C.

Terceira linha: lê-se bem REO; há um espaço, depois um S, seguido duns sulcos — um U muito largo dividido a meio por um traço horizontal? E e I em nexa?

Quarta linha: LV leu HERMES. O H está em nexa com o E, mas falta a haste horizontal superior desta última letra. E o segundo E mais parece um I seguido de ponto. O S final está muito distanciado das letras anteriores. Assim, para ser Hermes, o nome encontra-se muito mal escrito.

A fórmula votiva — que ocupa a quinta linha — não oferece qualquer reparo: *V(otum) S(olvit) L(ibens) M(erito)*.

Não sabemos dar qualquer interpretação à epígrafe. LV aventou esta hipótese: PRO S(alute) / TI(berii?) C(aesaris?) ANTISC/REO SE (...) / HERMES / V(otum) S(olvit) L(ibens) M(erito). Isto é: Se... Hermes cumpriu, de boamente, a promessa a Antiscrus, pela saúde de Tibério César (cfr. Rel III, 216-217).

Cremos ser precoce qualquer tentativa de estudo duma divindade cujo nome é tão hipotético. Parece-nos que, por mais tratos que se dê à pedra, nada mais dela se poderá concluir. E, daí, talvez seja Prosérpina a deusa cultuada.

IV

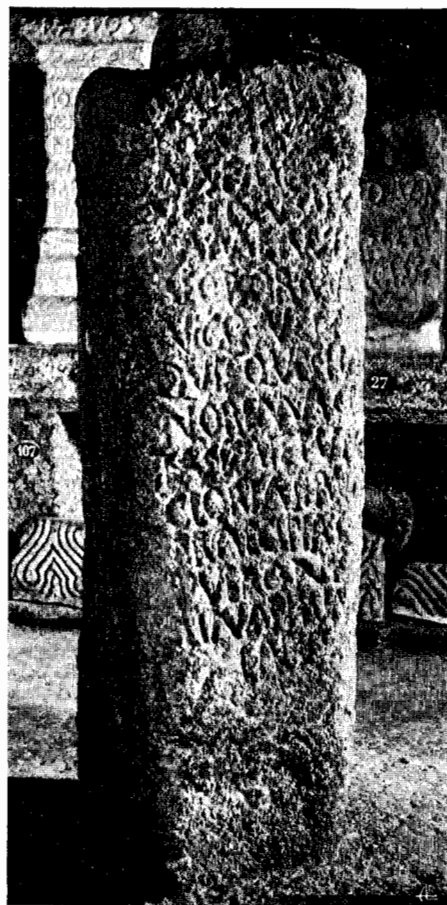
BORMANICUS

Catálogos: n.º 22 e 76

O teónimo *Bormanicus* surge-nos em duas aras, provenientes de Caldas de Vizela (Guimarães).



III — ANTISCREUS



IV-A — BORMANICUS

- 1934 — LÓPEZ CUEVILLAS (Florentino), e PINTO (Rui de Serpa), *Estudos sobre a Edade do Ferro no Noroeste da Península — A Relixion*, in Arqu VI, p. 319.
«Bormânico era, com toda a certeza, o deus das águas termais».
- 1935 — LÓPEZ CUEVILLAS (F.), *O Culto das Fontes no Noroeste Hispanico*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Porto, vol. VII, p. 74.
«Tanto o nome do deus, relacionado epigráficamente com muitas nascentes medicinais, como a sua identificação com Apolo numa lápide galo-romana e o localismo das duas inscrições minhotas (...) fazem com que o carácter hídrico e salutar do nume se torne completamente evidente».
- 1957 — BM, art. cit., in AEAq XXX, p. 62.
«Fora da Península, este deus era muito venerado (...). Podia ser, na Península, um deus do substrato ligur ou importado».
- 1962 — BM, RPH, pp. 171-3
Inclui *Bormanicus* entre as divindades indígenas, de características aquáticas.

A) Primeira inscrição

Leitura

C.POMPEIVS
GAL.CATVRO
NIS.F.M
VGENVS VX
SAMENSIS
REO BORMA
NICO.V.S.M
QVISQVIS.HO
NOREM.AGI
TAS.ITA.TE.TVA
GLORIA.SERVET
PRAECIPIAS
PVERO NE
LINAT HVNC
LAPIDEM

Interpretação

C(aius) POMPEIVS / GAL(eria tribu) CATVRO-
NIS F(ilius) M[OT?]/ VGEVNS UV/SAMENSIS
REO BORMA/NICO V(otum) S(olvit) M(erito) /
QVISQVIS HO/NOREM AGI/TAS ITA TE TVA
GLORIA SERVET / PRAECIPIAS / PVERO NE
LINAT HVNC / LAPIDEM.

Tradução

«Caio Pompeu Motugeno (?), da tribo Galéria, filho de Caturu, natural de Uxama, cumpriu a promessa ao mérito do deus Bormânico». A segunda parte da inscrição, redigida num latim bárbaro, tem aproximadamente o seguinte sentido: «Se prezas a tua honra, que sirva para tua glória impedires que as crianças estraguem esta lápide».

Observações

As três primeiras letras do cognome do dedicante estão gastas. Têm-se apresentado, por isso, várias reconstituições: *Rectugenus* e *Meidugenus* (Hübner); *M(ot)ugenus* (LV). A última parte da fórmula votiva também é problemática: Hübner leu, em 1861, V. S. L(ibens) M(erito); em 1869, V. S. P(ecunia [S(ua)?]); em 1892, V. S. L(ibens) ou V(oto) S(olutus) P(osuit). LV leu V. S. M(erito), leitura adoptada por BM e que reputamos mais de acordo com a lápide. (Cfr. Corresp, pp. 119-120).

José Diogo Mascarenhas Neto (in «Memorias de Litteratura Portuguesa», Lisboa, tomo III, 1792, p. 101) diz que as letras da epígrafe foram renovadas por um pedreiro: daí a possibilidade de REO (6.^a linha) estar em vez de DEO.

É a única lápide votiva de Portugal onde se faz uma exortação à honra dos fiéis. O nome da tribo vem, inusitadamente, mencionado antes do nome do pai.

B) Segunda inscrição

Leitura

MEDAM
VS CAMALI
BORMANI
CO. VSLM

Interpretação

MEDAM/VS CAMALI (filius) / BORMANI/CO
V(otum) S(olvit) L(ibens) M(erito).

Tradução

Medamo, filho de Camalo, cumpriu de boa vontade a promessa ao mérito de Bormânico.

Observações

Esta inscrição apresenta três nexos: LI (Camali), MA e NI (Bormanico). O M final é mais pequeno que as demais letras. *Camalus* e *Medamus* são antropónimos hispânicos (cfr. «Emerita» XXXII, 235 e XXXIII, 113).

*

É tão vasta a bibliografia e vária a problemática, que estas duas inscrições envolvem, que reservamos para outra oportunidade uma resenha mais pormenorizada do que sobre *Bormanicus* se tem escrito. Por ora, salientamos dois pontos:

a) os atributos de Bormânico

Três argumentos utilizam os autores para considerarem *Bormanicus* uma divindade protectora das termas:

1.º — o facto de ambas as inscrições se terem encontrado perto dumas termas;

2.º — porque se encontraram, em localidades termais da Gália, inscrições dedicadas a deuses etimologicamente aparentados com Bormanicus: *Bormanus*, *Bormana*, *Bormo*, *Borvo*;

3.º — porque as palavras do mais antigo substrato linguístico europeu, com que este teónimo se pode relacionar, contêm sempre uma «ideia que combina com as de caldas» (Rel II, 275), águas quentes, termais. A este respeito, escrevia-nos o Sr. Prof. António Tovar, em 27-1-1969: «O tema de **bormo* — semelhante a **borwo* é muito difícil. Sempre se consideraram juntas as duas formas, relacionando-as com o indo-europeu **g^hhor-mo* — ou seguramente também *wor-mo*-, donde viriam as for-

mas *dequòs*, do Grego, *gharmá*, do Sânscrito, *formus*, do Latim, e até a forma germânica *warm*, etc. Pokorny, para não reconhecer um caso de abrandamento de b para w, opinou que se trata de duas raízes distintas. De qualquer forma, *Bormanicus* está relacionado com *g^wor-mo-*. E mandava-nos confrontar, a tal propósito, J. POKORNY, *Indogermanisches Etymologisches Wörterbuch*, Berna, 1950-59, pp. 493 e seg.

Bormânico é, pois, uma divindade cujas características estão já, segundo parece, bastante bem determinadas.

b) o indigenato de Bormânico

A certa altura, Martins Sarmento escreve «Borvo ou Bormânico» («Dispersos», pp. 10-11). Talvez esta ou outra frase idêntica tenham levado BM à afirmação acima transcrita: «Fora da Península, *este deus* era muito venerado». Então, *Bormanicus* não pertence exclusivamente ao panteão da Península Ibérica? A semelhança de nomenclatura exige que o risquemos da lista das divindades indígenas, para o considerarmos pertencente a um povo que se espalhou por diversos quadrantes? Cremos ser ainda prematuro. Em nenhum outro local o teónimo surge grafado assim, o que nos pode autorizar a atribuir-lhe o carácter de *deus protector das termas de Vizela*, e não das termas em geral, enquanto a Linguística não dispuser de dados mais convincentes.

V

• BRIGUS

Catálogo: n.º 20

A ara dedicada a esta divindade veio do Monte de S. Miguel-o-Anjo, Delães, Vila Nova de Famalicão.

Bibliografia

1934 — LÓPEZ CUEVILLAS (F.), art. cit., in Arqu VI, pp. 310-311.

«A localização castreja e a circunstância de existir dentro do seu recinto uma antiga capela, sugerem para o deus (...) um papel de protector do castro ou da colectividade nele estabelecida» (p. 311).



IV-B — BORMANICUS



V — BRIGUS

1957 — BM, art. cit., in AEAq XXX, p. 51.

«*Bricus* seria, provavelmente, o deus do Monte de S. Miguel-o-Anjo (...); *briga* é palavra que entra na formação de grande número de topónimos com significação de fortaleza».

1962 — BM, RPH, pp. 75-76.

Deus cujo nome é «simplesmente a voz celta *-briga* masculinizada» (p. 76).

Leitura

A.BRIGO
FLAVS.A
PILI.VAL
ABRIGII
NSIS VO
TVM S. L.
M.MIRITO

Interpretação

A(ugusto?) BRIGO / FLAVS A/PILI VAL-/
ABRIGE/NSIS VO/TVM S(olvit) L(ibens) / M(erito)
MERITO.

Tradução

Flaus, filho de Apilo, valabrigense, cumpriu de boa-mente a promessa ao mérito de augusto Brigo.

Observações

Holder, que transcreve esta lápide, inclui *Flaus* nos antropónimos celtas. *Apilus* surge também no CIL II 1133, como *cognomen*, e 2433 (numa inscrição de Braga), segundo o mesmo autor.

Para o estudo das características de *Brigus*, podemos basear-nos em dois pontos: a etimologia do teónimo e o local onde a lápide se encontrou.

a) a etimologia do teónimo

Adolfo Coelho (RL I, 374) relaciona *Brigus* com o vocábulo do irlandês antigo *brig*, que significa «forte», «poderoso». LV (Rel II, 328) é da mesma opinião. BM,

como transcrevemos, prefere a aproximação (errada, segundo LV), com o sufixo *briga*. No entanto, todas estas interpretações sugerem, para a divindade, a característica de *protecção forte*; estaríamos, pois, em presença dum *númen tutelar*. Notemos, contudo, que, em nosso entender, não há absoluta certeza da nomenclatura do deus.

b) *o local do achamento*

No monte em que a lápide foi achada, localizou-se um castro. Este facto levou os autores a considerarem *Brigus* o deus protector desse castro.

Por outro lado, como, nessa mesma elevação de terreno, foi erguida uma capelinha dedicada ao arcanjo S. Miguel, que, na hagiografia cristã, é o vencedor das trevas, o protector contra as insídias do mal, torna-se possível deduzir que idênticas atribuições teria o deus pagão que tal culto veio cristianizar, de acordo com um costume largamente difundido ao tempo.

Concluindo: Os dados, de que dispomos, permitem-nos dar a *Brigus* a característica de divindade tutelar.

A epígrafe apresenta, ainda, dois outros pormenores dignos de menção:

— o qualificativo *Valabrigensis*, natural de Valábriga. Martins Sarmento identifica esta localidade com «a Volobriga de Ptolomeu» (RL I, 232). Será? Talvez. Onde ficaria situada?

— a insólita repetição da palavra *merito*, na fórmula votiva. Atribuímo-la a um engano do lapicida: após ter gravado a abreviatura, poderia ter verificado que lhe cabia o vocábulo por inteiro e... escreveu-o sem mais.

VI

CORONUS

Catálogo: n.º 17

A ara dedicada a este númen estava em Cerzedelo, Guimarães, perto do local onde a tradição situa a cidade de Pedrauca.

Bibliografia

- 1934 — LÓPEZ CUEVILLAS (F.), art. cit., in Arqu VI, p. 311.
Para os autores, *Coronus* é, possivelmente, o deus dum castro.
- 1957 — BM, art. cit., in AEAQ XXX, p. 54.
«Há dois deuses em cujos nomes entra o som *Corio*, que, segundo Holder, significa corpo de tropa; seriam divindades de carácter guerreiro»: *Coronus* e *Coru...abe*.
- 1962 — BM, RPH, pp. 116-117
«O deus é indígena, sem poder precisar bem a sua etimologia nem o seu carácter; contudo, *Coronus* é provavelmente um deus guerreiro, já que em Martles apareceu uma inscrição dedicada a *Corotiacus*, deus identificado com Marte (CIL VII, 93)» (p. 117).

Leitura

PATERN
VS FLAVI
ARA POS
VITIIXSV
OTO MII
RITO
VO

No lado esquerdo:
CORONO

Interpretação

PATERN/VS FLAVI(i) (filius) / ARA(m) POS-/
VIT EXS V/OTO ME/RITO [...] / VO[...] /
CORONO.

Tradução

Paterno, filho de Flávio (?), erigiu a ara por voto ao mérito de Corono(?).

Observações

Linha 2: Há divergências sobre o último vocábulo — FLAVS (Martins Sarmento), FLAV(s) (LV), FLAV(I) (Hübner). Parece-nos mais plausível ler FLAVI(i),

que é, porventura, mais consentâneo com o teor de grande parte das inscrições peninsulares, em que o dedicante é mencionado pelo seu *nomen* acompanhado da filiação; e ainda porque certo sulco na pedra, realçado pela fotografia, se nos afigura um I.

A forma *Ara* em vez de *Aram*, e *Exs* por *Ex* são, quiçá, barbarismos.

As duas (ou três?) derradeiras linhas da face frontal estão incompreensíveis, o que dificulta a interpretação da epígrafe, pois nesse ponto se faria, decerto, a ligação com o vocábulo CORONO.

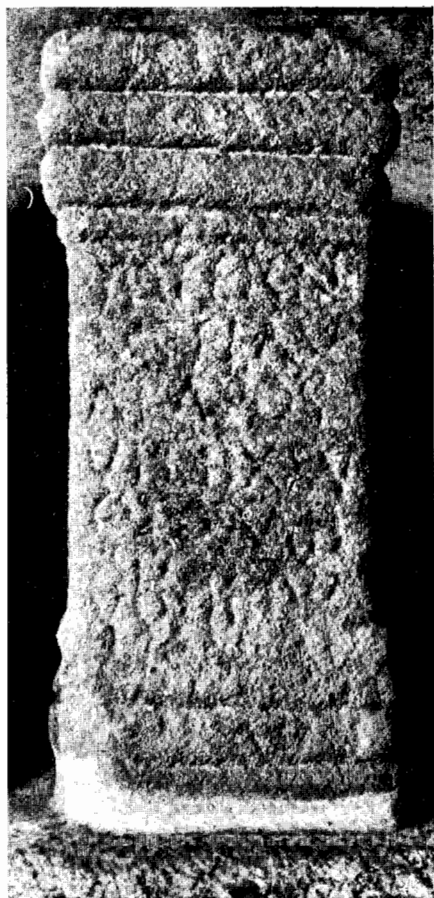
Tem-se considerado *Coronus* um teónimo. Há objecções a fazer: 1) a quase ilegibilidade do final da inscrição; 2) o facto de o «teónimo» se inscrever numa face lateral, o que poderia redundar em desrespeito (cremos, até, ser este um caso único na epigrafia votiva indígena peninsular). Hübner, no índice do CIL, traz: «*Coronus deus?*».

Supondo que *Coronus* era um teónimo, como Martins Sarmiento o assevera firmemente (RL, I, 1887, p. 233), a Linguística terá alguma palavra a dizer acerca dele?

«Na falta de todo o ponto de apoio, qualquer étimo de *Coronus* será perfeitamente vago e incerto» — escreve Adolfo Coelho (RL I, 365). E acrescenta: «No domínio da pura hipótese poder-se-ia pensar que *Coronus* fosse um espírito familiar, um kobold, um génio (...) Mas, em vez de um ser sobrenatural de tão modestas dimensões, podemos ver também em *Coronus* nem mais nem menos que o deus do raio, o Donner dos celtas peninsulares, comparando esse nome com o mod. bretão *curun, tonerre* (...). Notarei ainda que *Coran* é o nome dum druida mítico (...)».

A hipótese de BM, na esteira de Holder, afigura-se-nos bastante frágil, porque não demonstrada.

No *Diccionario del Mundo Clásico* (Editorial Labor, 1954), dirigido por Ignacio Errandonea, María Galvarriato faz referência a *Corono*: «1. Fundador de Coroneia, de quem esta recebeu o nome; foi filho de Tersandro e neto de Sísifo. 2. Filho de Ceneo, rei dos Lápitais, que morreu às mãos de Hércules» (tomo I, p. 468). Trata-se, pois, dum herói divinizado. Haverá qualquer relação entre os vocábulos? *Coronus* será o *κορωνός* grego? Um pormenor nos prendeu a atenção: «Ceneo, rei dos Lápi-



VI — CORONUS

tas». Ora sucede que em Panóias, concelho de Vila Real, lugar que talvez se possa incluir na mesma zona geográfica de Cerzedelo, se encontrou uma epígrafe mencionando os *numina Lapitearum*, os nunes dos Lapiteas. Diversas interpretações têm sido dadas ao vocábulo; pela nossa parte — e na esteira de D. Jerónimo Contador de Argote («Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga, Primaz das Espanhas», Lisboa, I, 1732, p. 346) — supomos não ser inverosímil relacioná-los com os Lápitás da Tessália. Para mais, na mesma «cidade» de Panóias, há uma inscrição grega (cfr. T. SCARLAT LAMBRINO, *Les Divinités Orientales en Lusitanie et le Sanctuaire de Panoias*, in «Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal», Coimbra, nova série, vol. xvii, 1953, pp. 93-129).

Em suma, registam-se coincidências que podem — ou não — vir trazer luz ao problema das influências helénicas no ocidente peninsular, como já referimos ao tratar de *Aernus*. cremos, evidentemente, que peremptórias conclusões (a tal respeito e acerca de *Coronus*) ainda são imaturas; contudo, estas achegas ocorreram-nos e achámos nosso dever apresentá-las.

VII

CUSUS NENEOECUS

Catálogo: n.º 21

Consideramos dedicadas a este deus duas epígrafes: uma, encontrada em Burgães, S. Tirso, que se guarda no Museu de Guimarães; outra, descoberta em 1952, na capela de S. Bartolomeu do Vale de Ervoza, também em S. Tirso, que está no Museu Municipal Abade de Pedrosa, desta localidade.

Bibliografia

- 1934 — LÓPEZ CUEVILLAS, art. cit., in Arqu VI, p. 354.
Cosus, deus de natureza indeterminada.
1950 — TOVAR (António) e NAVASCUÉS (J. M.), *Algunas Consideraciones sobre los Nombres de Divinidades del Oeste Peninsular*, in Misc, pp. 189-190.

Considera *Domenocusuneneoeco* exemplo de «composto impróprio», com dativo latino, assim: *Domeno-cusuneneoeco*.

- 1953 — SANTARÉM (Carlos Manuel Faya), *Duas Inscrições Romanas Inéditas do Concelho de S. Tirso*, Porto, p. 4 e seg.

Estuda a 2.^a lápide, dedicada a *Dom(ino) Deo Neneoec(o)*. Confronta-a com a inscrição de Burgães: o dedicante é também SEVERVS — «um outro ou o mesmo»; a palavra CVSV não existe na inscrição de Ervoza; até há coincidência no facto de, em ambas, surgirem os epítetos «dominus» e «deus», conquanto por ordem inversa. E pergunta: «Haveria na mesma região e a tão curta distância um deus *Neneoecus* e um *Cusuneneoecus* ou o da inscrição de Burgães é, realmente, o mesmo da inscrição nova?».

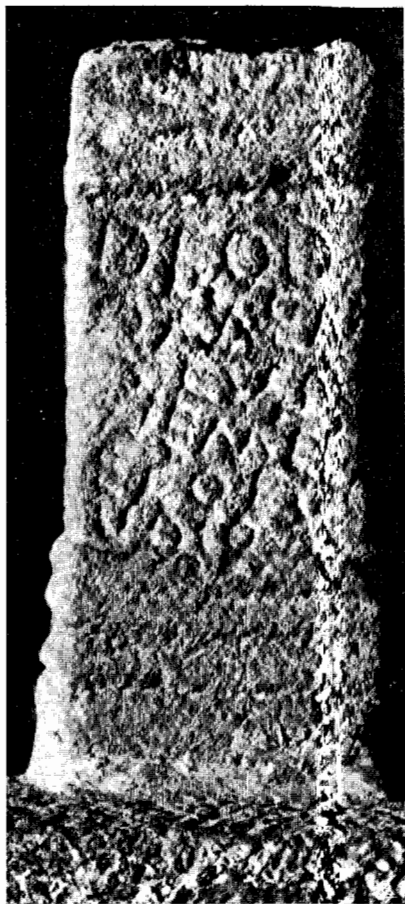
- 1954 — HAE, vol. 4-5, n.º 514.

Transcreve a ara de Ervoza, anotando, erradamente, que se trata duma correcção à leitura do CIL.

- 1957 — BOUZA-BREY (Fermin), *A Deidade Galaica Cusuneneoeco*, separ. de CST, vol. V, n.º 2.

Vai responder à pergunta formulada por Santarém. «CVSV é o nome de um deus característico do panteão do noroeste peninsular, que aparece sob as formas coso em epígrafes de Brandomil, de Seavia e de Meirás, as três concentradas no ângulo mais ocidental da Galiza(...)». Como há uma inscrição dedicada a *Cososus Deus Mars* (CIL XIII, 1353), «julga-se que o deus galaico COSO foi assimilado ao deus romano da guerra. NENEOECO é um epíteto que acompanha a divindade» (p. 6).

«Se destacarmos o sufixo -oeco que designa posse, teremos que NENEOECO não é outra coisa senão «o COSO ou CUSU de NENE». E onde é NENE? (...) Não longe de S. Tirso, em NINE, por um fenómeno de dissimilação vulgar e corrente. (...) Assim, «DEO NENEOECO» é o «deus de Nine», que era COSO, segundo se sabe pela outra das aras nomeadas. É, pois, a mesma divindade, numa e noutra epígrafe» (p. 7).



VII — CUSUS NENE OECUS



VII-B — CUSUS NENEOECUS

(Na face esquerda da mesma ara)

1957 — BM, art.^a cit., in AEA_{Arq} XXX, p. 57.

«No nome do deus *Cusumeneoecus* (...) talvez se tenha como primeiro elemento de formação uma variante de Coso (...)».

1962 — BM, RPH, pp. 120-121.

«O nome do deus compõe-se do sufixo, de *Cosu* ou *Cusu* e de um topónimo que aparece no nome doutra divindade, «Neneoecus». É interessante notar os dois epítetos que antecedem o deus, que não aparecem noutras inscrições» (p. 121). Inclui-o entre os deuses da guerra. Salientemos que BM não identifica *Cusumeneoecus* com *Neneoecus*.

Leitura

DEO D
OMEN
O CVSV
NENEO
ECO EX
VOTO

Do lado esquerdo:
SEVE
RVS P
OSVIT

Interpretação

DEO D/OMEN/O CVSV / NENEO/ECO EX
VOTO / SEVE/RVS POSVIT.

Tradução

Severo erigiu, por voto, ao deus e senhor Cusus Neneoecus.

Observações

A lápide, de granito, está deficientemente gravada; as linhas, tortas. Lê-se, no entanto, sem grande dificuldade. Não há pontos de separação.

Na 4.^a linha, a 3.^a letra parece um M. Martins Sarmiento leu sempre N (Corresp, p. 149). LV observou: «A impressão é de M, mas esse sulco não é tão fundo como os outros; sendo N, fica bastante distanciada do E que se lhe segue» (Rel II, 327). Por comparação com a 2.^a ara, Bouza-Brey inclina-se para o N, que nos parece mais convincente.

Apoiamos, em absoluto, a identificação de *Cusus Neneocus* com *Neneocus*. A grafia da inscrição não obriga, de forma alguma, a ler *Cusumeneoco*, tudo ligado. *Cusus* será uma variante de *Cosus*, explicável por uma diferença de «zona» linguística ou imperícia do gravador. O facto de o deus aparecer nomeado simplesmente pelo seu epíteto tópico não é caso virgem.

A. Dauzat («Les Noms de Lieux», Paris, 1947, p. 197) estuda o tema *Cosa*, que considera obscuro: anota que lhe foi atribuído o significado de «escarpado», aplicável a cursos de água; conclui pela incerteza, salientando, porém, que os potamónimos derivados deste tema não surgem em área céltica.

Será *Cosus* — que nos aparece também com outros epítetos, como *Oenaecus*, **Calaeunius*, **Theinaecus*, **Daviniagus* — uma divindade tutelar? Cremos que sim. Um númen a colocar ao lado de *Banda* e de *Arentius* — que assumem epítetos de acordo com os lugares onde são cultuados. O facto de parecer estar identificado com Marte (caso da inscrição da Aquitânia) não impede tal característica, se atentarmos que estes povos eram também guerreiros: nada mais natural, portanto, que o seu deus protector assumisse qualidades bélicas.

VIII

DURBEDICUS

Catálogo: n.º 18

Martins Sarmento descobriu a ara granítica dedicada a esta divindade na torre da igreja de Ronfe, Guimaraes, em 1881.

Bibliografia

1934 — LÓPEZ CUEVILLAS, art. cit., in Arqu VI, p. 319.

Segue LV quanto aos atributos deste númen.

1957 — BM, art. cit., in AEAQ XXX, p. 63.

«A etimologia com que se pode explicar o nome do deus *Durbedicus* prova que era uma divindade das águas (...).»

1962 — BM, RPH, p. 174.

Elenca *Durbedicus* entre as divindades aquáticas.



VIII — DURBEDICUS

Leitura

CELEA
CLOVT
DEO D
VRBED
ICO EXV
OTO *A

Interpretação

CELEA / CLOVT[I(i)] / DEO D/VRBED/ICO
EX V/OTO A(nimo) / [L(ibens) M(erito)?].

Tradução

Celea, filha de Cloutius, de boamente, por voto, ao mérito do deus Durbedicus.

Observações

Duas dúvidas nesta inscrição: a terminação da 2.^a linha e a conclusão da fórmula votiva. Nós seguimos a leitura de Martins Sarmento, que nos pareceu plausível. Conhece-se o antropónimo *Cloutius* (cfr. «Emerita», XXXII, p. 240) e não *Cloutus* (como traz BM, RPH, 174); consoante a regra, devia, pois, estar na pedra *Cloutii*; mas o segundo I não se distingue, embora o primeiro possa estar lá. Da fórmula votiva, só vem nítido o que assinalámos; LV preferiu ler *a(nimo) p(osuit)*.

Quanto às características do númen, os autores têm-se baseado numa possível etimologia indo-europeia. Assim:

— «Em tudo o que conheço do onomástico dos países célticos, não acho um só derivado dum radical *durb*. Se houvesse indícios de que *Durbedicus* era um deus de fonte, de nascente, propor-se-ia uma etimologia assaz atraente (...). O nome *Durbedicus* significaria, pois, «o que goteja», «faz gotejar», denominação que conviria a um deus dessas fontes escassas que muitas vezes são consideradas como em extremo milagrosas. Ou ligar-se-ia esse nome ao antigo irlandês *derb* (certo, verdadeiro, ilustre)» (F. Adolfo Coelho, RL, I, p. 370).

— LV (Rel II, 330-1) relaciona *durb-* com o irlandês *dobor*, *dobur*, *dobbar*, água. «Seria, pois, *Durbedicus* um deus

aquático — ou de uma fonte, ou do rio *Avus*, que passa perto de Ronfe».

— A. Dauzat («Les Noms de Lieux», p. 197) refere-se à forma céltica *dubr-*, água.

Como se depreende das palavras de A. Coelho, a base etimológica é frágil. Curiosamente, o que este autor pusera como hipotética condição («se houvesse indícios...»), LV ergue-o ao campo da quase-certeza: «seria, pois, *Durbedicus*...».

Em suma: são incertas as atribuições deste deus.

IX

GENIUS LAQUINIENSIS

Catálogo: n.º 36

A lápide votiva a esta divindade proveio de S. Miguel das Caldas de Vizela, Guimarães.

Bibliografia

1957 — BM, art. cit., in AEA_{rq} XXX, p. 65.

«O adjectivo *Laquiniensis* (...) é, provavelmente, uma formação vulgar sobre *lacus*».

1962 — BM, RPH, p. 135.

Referência, sem inovações.

Leitura

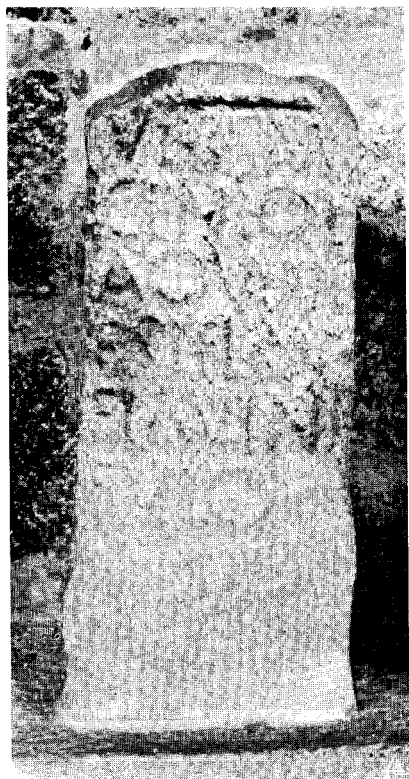
VLBSM
GENIO L
• AQVINI
ESI FLAV
FLAVINI
FVLLO

Interpretação

V(otum) L(i)B(ens) S(olvit) M(erito) / GENIO
L/AQVINI/ESI FLAV[S] / FLAVINI (filius) / FVLLO.

Tradução

Flaus, filho de Flavino, pisoeiro, cumpriu de boa-mente a promessa ao mérito do Génio Laquiniense.



IX—GENIUS LAQUINIENSIS



X—GENIUS TONCOBRICIENSIS

Observações

Linha 1: A sua interpretação tem sido controversa, por inusitada; é, efectivamente, a primeira vez que vemos: 1) a fórmula votiva, em abreviatura, logo no início da inscrição; 2) *libens*, abreviado assim.

Linhas 2-4: *Laquiniesi* será, decerto, o mesmo que *Laquiniensi*, dativo dum epíteto tópico, formado, porventura, de *Laquinia* ou *Laquinium* — cidade? território? (cfr. Rel II, 195). Têm a palavra os geógrafos, linguistas e historiadores da Antiguidade.

L. 4: Cremos ser admissível a existência dum S no final.

L. 5: *Flavini* é, quanto a nós, o nome do pai de *Flaus* (cfr. RG XVIII, 46). LV considerou este vocábulo um topónimo.

L. 6: *Fullo* poderia ser também, com muito menos probabilidade, um *cognomen* do dedicante.

X

Catálogo: n.º 35

*GENIUS TONCOBRICENSIVM

Em 1882, Martins Sarmento encontrou em Freixo, Marco de Canaveses, a ara granítica, muito deteriorada, que traz possivelmente este teónimo.

Bibliografia

- 1950 — TOVAR (A.) e NAVASCUÉS (J. M.), art. cit., in *Misc*, p. 184.
Escrevem *Tongobricensium*.
- 1957 — BM, art. cit., in *AEArq* XXX, p. 65.
Referência, sem interesse.
- 1958 — LAMBRINO (T. Scarlat), *Les Germains en Lusitanie*, in «I Congresso Nacional de Arqueologia — Actas e Memórias», I, Lisboa, pp. 483-4.
«Quanto à inicial da palavra, pode ser tanto um L como um T. Uma *Longobriga* é sempre possível, pois o seu primeiro tema, *longo*, encontra-se nalguns nomes da Península e doutros locais, o que fez com que, ainda recentemente, A. Schul-

ten e A. Tovar continuassem a admitir a existência duma tal localidade na Galiza, lendo [L]ongobr[ī]-gensium na inscrição de Freixo (...). Em geral, optou-se, seguindo Hübner e LV, por *Tongobriga*, porque já se conhecia esta forma do nome — os *vicani Tongobrice(n)ses* — e porque LV deu razões plausíveis para esta leitura. No entanto, não eliminam completamente a possibilidade da primeira».

1960 — HAE, vol. 8-11, n.º 1646
Transcrição.

1962 — BM, RPH, pp. 135-6.
«Etimològicamente o seu nome decompõe-se no elemento *-briga*, fortaleza, e *tong*, juramento» (p. 136).

Leitura

ENIO
ONCOB
CENSIVM
.....
V A

Interpretação

[G]ENIO / [T?]ONCOB[R]/[I]CENSIVM /
[ANIVS?] / V(otum) [S(olvit)] A(nimo) [L(ibens)]
M(erito)].

Tradução

Ânio (?) cumpriu de boamente a promessa ao mérito do Génio dos Toncobricenses (?).

Observações

O mau estado da lápide impede qualquer certeza. Seguimos, aproximadamente, a reconstituição dubitativa de Martins Sarmiento (RL I, 236-7).

Linha 2: O C é claro; o R final não está completo.

Linha 3: Há espaço para o I; o M pode formar nexos com o V, mas na inscrição não se distingue muito bem.

As duas últimas linhas são de leitura duvidosa.

São pertinentes as observações do Sr. Prof. Lambrino. Portanto, só a descoberta doutros vestígios histórico-epigráficos poderá trazer luz ao problema, que se mantém em aberto.

XI

Catálogo: n.º 34

LUPIANAE (Nymphae)

A lápide votiva a estas ninfas foi encontrada em Tagilde, Guimarães. De fácil leitura, está partida a meio longitudinalmente; é atravessada na base, no sentido ântero-posterior, por um cano de cerâmica, e, no longitudinal, por um outro igual, na união do capitel com o corpo; no *foculus*, rectangular, há madeira. São vestígios da posterior utilização.

Bibliografia

1957 — BM, art. cit., in AEAq xxx, p. 63.

Referência, sem interesse.

1962 — BM, RPH, pp. 177-8.

Atribui a este númen características aquáticas. Refere topónimos extra-peninsulares de tema *Lup-*, salientando que se encontram sempre relacionados com estabelecimentos termais.

Leitura

ANTONIA
RVFINA
VOTO NIN
HIS LVPIA
NIS LIBEN
ANIMO
POSVIT

Interpretação

ANTONIA / RVFINA / VOTO NIN[P]/HIS
LVPIA/NIS LIBEN[S] / ANIMO / POSVIT.

Tradução

Antónia Rufina, de boa vontade, erigiu por voto às Ninfas Lupianas.

Observações

A existência da raiz *Lup-* ligada ao elemento aquático e o substantivo *ninfas* indicam-nos que estamos perante um testemunho do culto das águas; reputamos que o adjectivo *lupianus*, a se formou sobre um hidrónimo cujo vestígio actual importa procurar.

Não julgamos necessário considerar que *voto* (ablativo) esteja por *votum*, como escreveu LV (Rel II, 190).

XII

TAMEOBRIGUS

Catálogo: n.º 14

A ara consagrada a este númen foi das margens do Douro para o lugar de Castelo de Paiva, freguesia de Várzea do Douro, Marco de Canaveses.

1934 — LÓPEZ CUEVILLAS, art. cit., in Arqu VI, p. 320.

Escreve: os autores «opinam que *Tameobrigo* era o deus do rio Tâmega».

1950 — TOVAR (A.) e NAVASCUÉS (J. M.), art. cit., in Misc, p. 189.

Consideram este nome «claramente» geográfico, derivado dum topónimo, *Tameobriga*.

1957 — BM, art. cit., in AEArq xxx, p. 64.

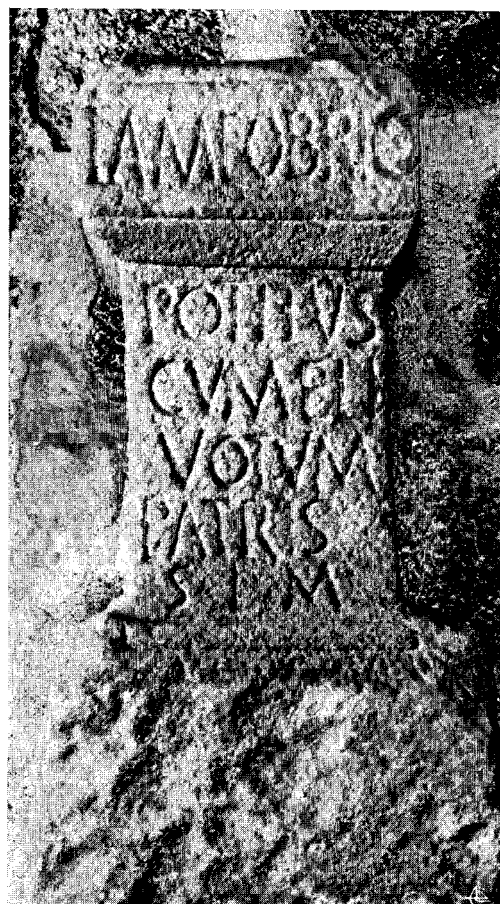
«No nome do deus *Tameobrigus* entra o conhecido som *-briga* e o nome do rio Tâmega».

1958 — ALMEIDA (Carlos Alberto F. de) *Um Aspecto do Culto dos Rios de Lusitânia...*, in DL, 8.ª série, vol. IX, pp. 874-6.

«Relativamente ao Tâmega, temos alguns factos etnográficos que nos podem levar a suspeitar a sua veneração. Tirar esta conclusão por causa da lápide ao deus TAMEOBRIGO (...) é ir longe demais. Uma inscrição da ponte romana de Chaves cita o povo *Tamagani* (CIL II



XI — L U P I A N A E (Nymphae)



XII — TAMEOBRIGUS

2477), o, que supõe a possibilidade de território assim chamado. *Tâmega*, portanto, pode não ter sido só rio, mas também território, como Douro é rio e território, Minho rio e território. Não conhecemos sequer um nome étnico que provenha directamente de nomes de rios, embora haja potamónimos provenientes daqueles». «Nos Opúsculos (v, 524), conta-nos LV uma crença, que é um autêntico sacrifício. No Marco de Canaveses — diz — quando o Tâmega anda revoltado e fora do leito, quer que lhe afoguem no caudal um frango, e afogando-o, logo fica bom. Do mesmo rio se diz — o que é comum a muitos outros, como ao Homem, Cávado, etc. — *que come um fôlego vivo por dia*».

1962 — BM, RPH, p. 190.

Lê *Tameobrig(o)*. «A presente divindade é aquática e (...) consagrou-se-lhe uma ara com marcado carácter funerário».

Leitura

TAMEOBRIGO
POTITVS
CVMELI
VOTVM
PATRIS
S.L.M

Interpretação

TAMEOBRIGO / POTITVS / CVMELI (filius) /
VOTVM / PATRIS / S(olvit) L(ibens) M(erito).

Tradução

Potito, filho de Cumélio, cumpriu de boamente o voto do pai ao mérito de Tameobriga.

Observações

A última letra da 1.^a linha (o pomo da discórdia) apresenta-se muito larga em relação ao outro C da inscrição. Um pequeno sulco vertical na extremidade da cur-

vatura inferior dá-nos a impressão de um G. A letra está esmurrada e será difícil dizer se existe ou não um O em nexa no interior da mesma, o que não nos parece despropositado; assim: .

Quanto aos atributos do deus, há a considerar três hipóteses. *Tameobrigus* poderia ser:

- o deus do rio Tâmega;
- o deus Tâmega (rio divinizado);
- o protector de Tameobriga (cidade) ou de Tâmega (território).

F. Adolfo Coelho (in RL I, 371-5) apresenta-no-lo como uma divindade fluvial — hipótese não descabida. Carlos Alberto de Almeida (art. cit.), não obstante a redacção um tanto emaranhada, parece-nos que, tanto pelo título do artigo, como pelos factos etnográficos que aduz, se inclina também para a ideia de rio divinizado.

Por conseguinte, opinamos ser admissível que *Tameobrigus* era o próprio rio Tâmega divinizado, dado o local onde a lápide se encontrou (confluência do Douro e do Tâmega) e dada a tendência, bastas vezes documentada, dos povos celtas para venerarem divindades de índole naturalista.

Sobre *Cumelius*, cfr. «Emerita» xxxii, p. 243.

XIII

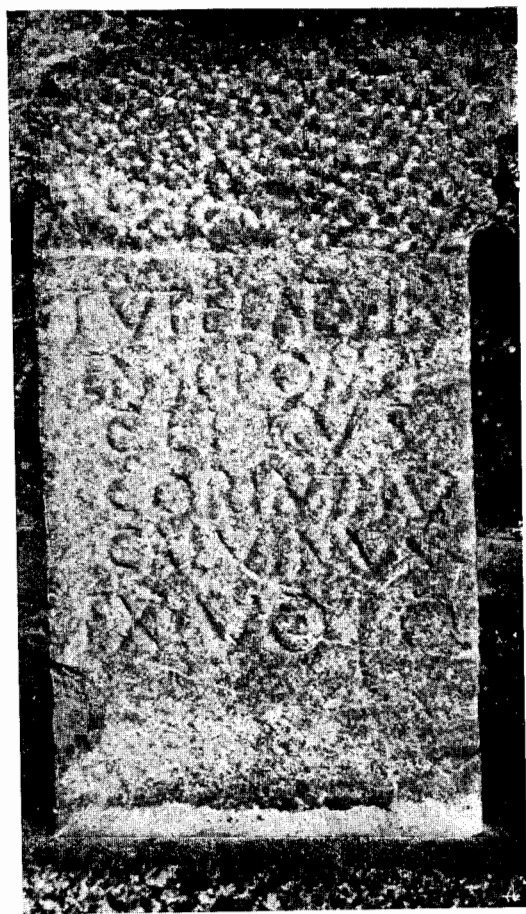
Catálogo: n.º 38

* TUTELA TIRIENSIS

Foi encontrada na igreja de S. Maria da Ribeira, Torre de Pinhão, Sabrosa, a lápide consagrada a este númen.

Bibliografia

1962 — BM, RPH, p. 63
Referência.



XIII — TUTELA TURIENSIS

Leitura

TVTELAE. IRI
 ENSI.POMPEI
 CLITVS
 CORINTHV
 CALVINVS
 EX.VOTO

Interpretação

TVTELAE [T?]IRI/ENSI POMPEI (filius) /
 CLITVS / CORINTHV[S] / CALVINVS / EX VOTO.

Tradução

Clito, Corinto, Calvino, filhos de Pompeu, por voto,
 à Tutela Tiriense (?).

Observações

Lê-se perfeitamente TVTELAE, sendo o A desprovido de barra horizontal. Quanto à 1.^a letra da palavra habitualmente admitida como TIRIENSI, não nos parece fácil ler T ou L, dada a sua semelhança com o I seguinte e a sua diferença em relação aos T e L anteriores, bem desenhados. Tratar-se-á, talvez duma desagregação provocada pelo tempo, mas, no estado actual, a leitura não é suficientemente esclarecedora. Por conseguinte, nada de concreto se poderá dizer sobre o território ou o povo protegidos por *Tutela*.

Opinamos, com Hübner e LV, que são três os dedicantes, não só por os três nomes estarem por extenso mas também por ser indicada em primeiro lugar a filiação.

Sobre o culto a *Tutela*, achámos oportunas estas considerações de TOUTAIN («Les Cultes Païens dans l'Empire Romain», I, Paris, 1907, pp. 444-5): «Não sabemos qual a divindade nacional dos Iberos que foi assimilada à *Tutela* romana; mas parece-nos necessário admitir esta assimilação, se queremos compreender a curiosa correspondência que os documentos nos revelam entre a área do culto de *Tutela* e o habitat das populações ibéricas.

Genii, *Junones*, *Tutelae*, estas divindades, qualquer que tenha sido o nome preferido pelos seus fiéis, recebe-

ram em todas as províncias latinas um culto mais ou menos importante. Uma das características desse culto foi a variedade».

*

Ao terminarmos estas considerações sobre as lápides dedicadas a divindades indígenas existentes no Museu da Sociedade Martins Sarmento, fazemos votos que o nosso trabalho tenha contribuído para esclarecer um pouco os problemas com elas relacionados. Oxalá surjam cada vez mais elementos de investigação e que, do esforço comum de todos os estudiosos, a Epigrafia Romana em Portugal progrida a passos largos.